

4

Discurso na cerimônia de instalação da comissão nacional para as comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE JULHO DE 1996

Senhor Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Lampreia; Senhores Ministros aqui presentes; Senhor Embaixador Armando Sérgio Frazão, que preside esta Comissão; Senhores Senadores, Deputados, Representantes das Forças Armadas, do Ministério da Educação, do Judiciário, enfim, Membros da Comissão do V Centenário; Senhoras e Senhores;

Acho que o fato de nós reorganizarmos esta comissão, de termos tomado a decisão de lhe dar amplitude maior e de nela designarmos pessoas que são ligadas à Bahia, local onde vamos comemorar o dia 22 de abril no ano 2000; e de desejarmos, como disse o Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Lampreia, transformar esse evento da comemoração dos 500 anos do Descobrimento e de formação da nacionalidade numa série de movimentos, ações, eventos e comemorações indica o desejo do Governo – que é o desejo do País – de ressaltar que, nesses 500 anos, nós constituímos aqui um grande país.

E, para que não se transforme tudo numa banalidade, é preciso que se dê a esse evento a importância que merece. É preciso que se

tire da rotina e se empreste à preparação mesma do evento do ano 2000 um significado todo especial.

Esse significado todo especial tem sua razão de ser, a começar pelo fato de que, aqui, não estamos apenas marcando a vinda dos portugueses para o Brasil: estamos marcando, muito mais do que isso, um encontro, no Brasil, da cultura indígena; a presença, mais adiante, dos escravos, com as suas várias formas culturais; o aporte que à formação do Brasil várias outras correntes migratórias deram, como as dos europeus, dos libaneses, dos sírios; enfim, mostrando que isto aqui é um país que se formou dinamicamente no decorrer desses 500 anos e que tem uma marca desde o início.

O Descobrimento se dá no contexto da expansão do capitalismo comercial e, portanto, dentro da expansão européia. É impensável o Brasil sem essa ligação direta com a expansão européia. Mas, ao mesmo tempo que somos a conseqüência de um movimento europeu, nós criamos algo que é diferente disso, ou seja, essa marca dos índios, dos negros, das correntes migratórias e a capacidade que tivemos – não somos o único país, naturalmente, com essa possibilidade de exhibir essa multiplicidade – de criar uma nação dentro do que, antigamente, os sociólogos chamavam de *melting pot*, referindo-se então aos Estados Unidos; mas o verdadeiro *melting pot* somos nós. Aqui, realmente, há um sincretismo muito forte, há uma presença muito variada de etnias, de raças, de culturas. E nós conseguimos produzir alguma coisa que, ao mesmo tempo que é inequivocamente fruto da Europa, é próprio nosso.

Essa situação de ambivalência, quase de ambigüidade, quase permanente, nessa busca de raízes que não se encontram nelas próprias, e, por isso, ao mesmo tempo, tem de haver uma recuperação de raízes que ficaram noutras partes, constitui o próprio nosso, brasileiro. E esse próprio nosso nós o aceitamos com naturalidade, sem a pretensão de sermos outra coisa senão essa mistura.

Essa mistura deu certo e está sendo comemorada, aqui, na sua expressão mais direta. E inclui, como disse de novo o Embaixador Lampreia, a presença portuguesa, porque nós dela nos orgulha-

mos, como nos orgulhamos da presença africana, da presença indígena, da presença árabe, da presença italiana, alemã, lituana, ucraniana. Enfim, são tantas as presenças que formaram este país, que, realmente, isso é uma característica muito forte. E 500 anos são bastante tempo, mesmo olhando-se a história de outros países.

Diz-se, com frequência, que nós somos um país novo até certo ponto, porque não só são 500 anos, mesmo, de Descobrimento. Nós já temos muito tempo, temos um Estado que se organizou, temos uma sociedade que se foi plasmando, temos uma cultura que foi marcando por suas expressões na literatura, na música, enfim, nas artes plásticas. Temos uma cultura popular. Somos, realmente, uma nação, uma grande nação, não só um Estado. Não é só o fato de termos sido consequência dessa presença extraordinária dos portugueses – e é sempre conveniente saudá-los –, mas nós constituímos hoje realmente uma nação. É isso que vamos comemorar no dia 22 de abril.

Marcarmos esses 500 anos afirmativamente, sem pretensão de sermos exclusivos nesse caminho, sem arrogância – que não é do nosso jeito brasileiro –, mas também com muita simpatia, com muito amor, eu até diria, com muita querência, com vontade de dizer que nós gostamos de sermos como somos.

Temos muitos problemas, muitos defeitos, mas também temos qualidades. Também temos capacidade de rir de nós próprios, que é uma coisa importante. Não são todos os povos que são capazes de praticar essa façanha, de gostar tanto de si. Nós podemos nos abrir e sorrir, e fazer ironia a respeito de nós próprios brasileiros. Isso mostra que já sabemos o que somos. Nós temos autenticidade e confiança em nós próprios. Acho que tudo isso são razões para estarmos contentes com essa possibilidade.

Creio que a Câmara, o Senado, o Poder Judiciário, os Ministérios, daqui para a frente, terão de estabelecer vínculos crescentes com setores da sociedade brasileira, para que todos participem desse evento, aqui e lá fora. Não é só o Brasil e não só Portugal: os nossos vizinhos latino-americanos também. Agora que somos tão parte do Mercosul, devemos transformar esse evento num grande evento sim-

bólico da presença cooperativa do Brasil com os seus vizinhos e com aqueles que nos deram origem.

Eu disse que sempre nos agrada louvar os portugueses, e isso é de fato admirável. Recentemente, estive – o Ministro Lampreia esteve junto comigo – em Macau, lá na Ásia. É fantástico. À primeira vista, quase não há nada que marque a presença portuguesa, mas basta olhar a fachada de uma igreja jesuítica, que já não tem fundo, só sobrou a fachada, para se ver Portugal inteirinho ali – e dá a impressão de que se está numa cidade baiana; não diria mineira, é mais baiana, na verdade –, aquela presença forte, portuguesa, lá em Macau. Vai-se ao Vietnã e se vê que quem codificou a língua foi um padre português. Vai-se ao Japão e lá estão os portugueses, tendo tido uma presença muito ativa. Para não falar na África, que já está mais próxima de nós.

Então, essa, digamos, contribuição originária dos portugueses aqui no Brasil é alguma coisa de profundamente gratificante para nós; e tão mais gratificante quando não ficamos exclusivamente portugueses, quando fomos capazes de sermos ibéricos e de sermos, como já disse aqui, de formação variada e variável. Dispomos hoje de recursos próprios culturais, institucionais, que permitem que este país continue avançando, continue crescendo.

Gostaria que nós todos pudéssemos estar no ano 2000 lá na Bahia, eu já no meio do povo, aplaudindo aqueles que estejam comemorando oficialmente, mas sentindo que, pelo menos, ajudei na formação dessa festa. Creio que o sentimento de todos que estão aqui é esse. É de estarmos dando o melhor de nós para que essa data seja comemorada ao mesmo tempo com simplicidade e – a palavra é forte – com grandeza, porque o Brasil merece.

Muito obrigado